

A gênese de uma comunidade virtual de aprendizagem em enfermagem*

Marcos Antônio Gomes Brandão¹, Viviane Modesto Ferraz², Mauricio Abreu Pinto Peixoto², Roberta Pereira Coutinho², Cristiane da Silva Gabriel¹

¹ Escola de Enfermagem Anna Nery - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Departamento de Enfermagem Fundamental – R. Afonso Cavalcanti, 275 Centro
CEP:20211-110 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

² Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde /UFRJ

marcosbrandao@ufrj.br, vimferraz@yahoo.com.br,
robertacoutinho02@hotmail.com, mpeixoto@notes.ufrj.br

Abstract. *The paper describes the genesis of a virtual community and their relations with learning. The design adopted was a study case that presents descriptive results of a process of change about focus of the community, influenced by collective construction of knowledge. The discussions were based on four means for essential learning and a non-formal educational approach.*

Key words: *collaborative learning, non-formal educational, interaction, virtual communities.*

Resumo. *O artigo descreve a gênese de uma comunidade virtual e faz relações com a aprendizagem. Trata-se de um estudo de caso e apresenta resultados descritivos de um processo de modificação do foco de discussão, influenciado pela construção coletiva. As discussões têm por base as quatro aprendizagens essenciais e a educação não-formal.*

Palavras-chave: *aprendizagem colaborativa, educação não-formal, interação, comunidades virtuais.*

1 – Introdução

O objetivo deste artigo é descrever a gênese de uma comunidade virtual de aprendizagem em enfermagem, para isso optamos por desenvolver um estudo de caso focado na modificação do contexto de conversação e na negociação coletiva de objetivos.

A descrição que propomos se faz necessária frente às possibilidades de melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem característico da educação não-formal¹. No que tange aos referidos ambientes, supomos que os mesmos são válidos ao possuir,

* Trabalho articulado a projeto financiado pelo CNPq sob coordenação do Prof. Mauricio Abreu Pinto Peixoto.

¹ A educação não formal refere-se aos processos de formação que acontecem fora do sistema de ensino (escolas e universidades), não se atem a uma seqüência gradual, não leva a graus nem títulos e se realiza fora do sistema de educação formal [INEP, 2005]

pelo menos em potencial, a possibilidade de contemplar o que Antunes [2001, p.13-14] denomina de “as quatro aprendizagens essenciais”: (a) *aprender a conhecer*; (b) *aprender a fazer*, *aprender a viver junto e com os outros*, e (d) *aprender a ser*.

As quatro aprendizagens essenciais parecem não estar distantes das diversas experiências de construção de ambientes de aprendizagem que se voltam a uma perspectiva de Aprendizagem Colaborativa Suportada por Computador (CSCL), sejam elas situadas em ambientes educacionais formais ou não-formais.

2 – A criação do grupo: partindo do propósito do moderador

Convencionamos denominar a comunidade virtual em tela pelo hipotético nome de *comunidade XX*. Fazemos assim para garantir o preceito ético de sigilo.

Alguns indicativos mostram que o fundador da comunidade estava disposto a incrementar o número de membros. Um dos indicativos foi o elevado número de convites enviados em seis meses. Por outro lado, as mensagens dos primeiros meses davam indícios de que a multiplicidade de filiados não-convidados causaria interferência no propósito do moderador-fundador de formar uma discussão monotemática (Brandão, 2006).

Os dados ilustrativos nos permitem fazer algumas considerações: (a) supomos que nas situações em que ocorrerem divergências entre objetivos e estratégias os desfechos podem ser inesperados. A dissonância entre a meta do moderador e a sua estratégia de manter a comunidade aberta a novas gerou impactos na constituição da comunidade; (b) de perspectiva dialética, o “fracasso” do moderador em focalizar o tema pode ter facilitado o sucesso da construção de um senso de comunidade de educação não-formal. Por fim, as considerações apresentadas nos permitem voltar ao que Antunes [2001, p.14] aponta como “aprendizagens essenciais”. No que se refere ao *aprender a viver juntos, a viver com os outros*, não estaria o moderador colaborando (intencionalmente ou não) com que esta aprendizagem tivesse a oportunidade de se materializar?

3 – A transformação do interesse inicial: rumo ao coletivo

A *comunidade XX* estava fundada, mas parece ter existido um fundamento a influenciá-la diferente da temática. No conteúdo de algumas mensagens é possível perceber uma dupla ação do moderador: estimulava a focalização e propunha debates no tema principal, mas também, incentivava a expressão dos filiados, aventando uma filosofia de liberdade de expressão e estímulo ao alto fluxo de mensagens. Em algumas mensagens o moderador destaca como aspecto positivo o crescimento do fluxo de troca de mensagens.

Nessa comunidade a interpenetração de temas sociais e de conteúdo se aproxima das situações comuns ao dia a dia das pessoas, em que muitas das vezes, os limites entre o cognitivo e o afetivo são incertos. Tendemos a interpretar tais características como alinhadas ao “aprender a ser”. Assumindo um olhar mais orgânico e sistêmico, pois, assim como nos sistemas, as interações são aspectos-chave na organização e vida de uma comunidade. Em suma, *aprender a ser* representa manter unido no ato de aprendizagem a inteireza do ser humano, e pressupomos que os ambientes colaborativos e não-formais possam facilitar esta aprendizagem.

4 – O referendo da vontade coletiva

No período, a comunidade já contava com pouco mais de uma centena de filiados, e o fluxo de mensagens estava aumentando intensamente rumo ao alcance do topo de número de mensagens, o que aconteceria no nono mês de existência da comunidade.

A este período a comunidade virtual de enfermagem congregava identidades virtuais (filiados) que se apresentavam como sendo enfermeiros docentes e de serviço, técnicos e auxiliares de enfermagem e estudantes de graduação em enfermagem e uns poucos afirmavam ser de outras áreas de atuação, que não a enfermagem. Dos participantes, pela declaração dos mesmos nos foi possível verificar que a maioria era formada por alunos (41%) e por enfermeiros de serviço (38%). As demais categorias declaradas foram: de enfermeiros docentes (11%), de técnico de enfermagem (4%), e de outra categoria (2%), e não informaram (4%).

Os objetivos específicos dos participantes convergiram para um propósito de toda a comunidade - o de discutir temas relacionados a enfermagem. Não descontextualizados de relações sociais nas mensagens de incentivo, elogios, e outras afetividades da relação.

Fechamos o presente tópico considerando sobre o *aprender a fazer*. Para Antunes [2001] esta aprendizagem extrapola o ensino técnico e compreende também o estímulo à criatividade para que se descubra o valor construtivo do trabalho. Ao nosso ver a própria composição da comunidade pesquisada tende a facilitar a ocorrência desta aprendizagem, visto que nela participa percentual semelhante de alunos e profissionais de serviço.

Ainda que a participação de diferentes categorias profissionais possa promover o *aprender a fazer*, não garante. Deve existir a relação com as outras aprendizagens de modo a não fragmentar o processo mais complexo e integrado que é a aprendizagem em si.

5 – Considerações finais

Ainda falta tratar do *aprender a conhecer* que é o elemento essencial ao aprender a aprender. Como afirma Antunes [2001, p.13] ao invés de saberes inúteis devem prevalecer as informações contextualizadas, bem como, devem se destacar as habilidades para se construir conhecimentos, exercitando os pensamentos, a memória e a atenção. Mas será que não tratamos disto ao fazer as descrições sobre a comunidade nos tópicos anteriores?

De certo modo, nossa descrição no estudo de caso, poderá oferecer contribuição para o entendimento da aprendizagem colaborativa nos ambientes virtuais não-formais.

Por fim, recomendamos futuros estudos para explorar o processo que aqui tratamos, em especial, aquelas que trabalhem com estudos que permitam a relação de diferentes variáveis de distintos fenômenos.

Referências:

- Antunes, C. (2001) “Como desenvolver as competências em sala de aula”. 5ª ed. Petrópolis: Vozes. 86p.
- Brandão, M.A.G. (2006) “Associação entre a interação e a metacognição: características e perspectivas de uma comunidade virtual de enfermagem”. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.